ISSN 1983-9979
prolíngua

ENTRE GÍRIAS, NEOLOGISMOS E MULTILINGUISMO: A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA JUVENIL EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS E ESCOLARES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

GÍRIA TA PITÉRUPI, NEOLOGISMO Y NHEENGA SIÍASAWÁ: YAÃ MIRA PISASÚ NHEENGA SIÍASÁ TẼDAWARA TA KITIWARA Y UMBUÉSÁ RUKA YAÁ LÍNGUA PORTUGUESA YÜBUESAWÁ

BETWEEN SLANG, NEOLOGISMS AND MULTILINGUALISM: YOUTH LINGUISTIC DIVERSITY IN COMMUNITY AND SCHOOL CONTEXTS IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING*

Eunice de Lima Garcia[1]
Suziane Cardoso da Silva Garcia[2]
Heloisa da Silva Borges[3]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre sociedade, cultura, multilinguismo e variação linguística, enfatizando conceitos como dialeto, léxico, vocabulário e práticas multilíngues, com foco no universo juvenil em quatro escolas públicas do município de Itacoatiara/AM. Partindo do pressuposto de que a língua é uma construção social e cultural em constante transformação, e que os contextos escolares e comunitários são ambientes multilíngues, buscou-se compreender como os estudantes do ensino fundamental utilizam a linguagem em seu cotidiano, incluindo o uso de múltiplas línguas, e como esse repertório pode ser incorporado às práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em quatro escolas públicas do município, por meio de observação participante, entrevistas e registro de palavras, expressões e práticas multilíngues utilizadas pelos alunos. O referencial teórico apoia-se em autores da Sociolinguística e da Educação Multilíngue, como Bagno (2011), Bortoni-Ricardo (2004), Tarallo (2005), Mollica (2016) e autores especializados em multilinguismo, que defendem a valorização das variedades linguísticas e das línguas cooficiais no espaço escolar. Os resultados apontam que o léxico juvenil é dinâmico, marcado por gírias, expressões regionais e usos semânticos inovadores. No corpus lexical apresentado, não foram identificados dados suficientes para atribuir termos a uma língua indígena específica; por isso, o multilinguismo é tratado como dimensão investigada e contexto sociolinguístico, sem generalizações etimológicas. Além disso, constatou-se que o reconhecimento dessa diversidade e das práticas multilíngues em sala de aula favorece processos de ensino-aprendizagem mais significativos e inclusivos, aproximando o conhecimento escolar do cotidiano dos estudantes. Concluímos que incorporar o estudo do léxico juvenil e do multilinguismo como recurso pedagógico é essencial para o fortalecimento da prática docente e para a construção de uma educação linguística inclusiva, crítica e intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Léxico juvenil. Gírias. Neologismos. Multilinguismo. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This article aims to analyze the relationship between society, culture, multilingualism, and linguistic variation, emphasizing concepts such as dialect, lexicon, vocabulary, and multilingual practices, focusing on the youth universe in four public schools in the municipality of Itacoatiara/AM.

* Data de Submissão: 10.06.2026 – Data de Aceite: 20.08.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2026v21n1.79091
[1]Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil. Email: eunicedelimagarcia@gmail.com | Orcid: https://orcid.org/0009-0007-2739-1928
[2]Universidade do Estado do Amazonas, Itacoatiara, Brasil. Email: tudisuzi@gmail.com | Orcid: https://orcid.org/0009-0008-2509-0969
[3]Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil. Email: heloborges@ufam.edu.br | Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7629-7056

ISSN 1983-9979
prolíngua

Starting from the premise that language is a constantly transforming social and cultural construct, and that school and community contexts are multilingual environments, this study sought to understand how elementary school students use language in their daily lives, including the use of multiple languages, and how this repertoire can be incorporated into pedagogical practices in the teaching of Portuguese. The qualitative research was conducted in four public schools in the municipality, through participant observation, interviews, and recording of words, expressions, and multilingual practices used by students. The theoretical framework is based on authors from Sociolinguistics and Multilingual Education, such as Bagno (2011), Bortoni-Ricardo (2004), Tarallo (2005), Mollica (2016), and authors specializing in multilingualism, who advocate for the valorization of linguistic varieties and co-official languages in the school environment. The results indicate that the youth lexicon is dynamic, marked by slang, regional expressions, and innovative semantic uses. In the lexical corpus presented, insufficient data were identified to attribute terms to a specific indigenous language; therefore, multilingualism is treated as an investigated dimension and sociolinguistic context, without etymological generalizations. Furthermore, it was found that the recognition of this diversity and multilingual practices in the classroom favors more meaningful and inclusive teaching-learning processes, bringing school knowledge closer to the students' daily lives. We conclude that incorporating the study of youth lexicon and multilingualism as a pedagogical resource is essential for strengthening teaching practice and for building an inclusive, critical, and intercultural language education.

KEYWORDS: Linguistic variation. Youth lexicon. Slang. Neologisms. Multilingualism. Portuguese Language Teaching

YATUKASA: kuá artigo uriku sesewara umaãmaã yaã mayé miraitá tau yumeẽ amũita irũ, aĩtá kitiwara, aĩta nheenga siíasawá y panhẽ amũita nheenga, tau mukãmẽ arã yaã conceito mayé tau kuntari nungara, ta nheenga rupitá, ta nheenga rangawa y yaá tau munhãwá nheenga siíasawá, yaã tau maã purãga waá mira pisasú ita resé irũndi umbuésá ruka, panhẽ ta yara, yaã upitá waá Itacoatiara/AM taua upé. Usemusá yaã pressuposto que a yaã nheenga aé yepé tau munhãsá miraita yara y ta kitiwarasá kutakutara tau muyeréu waá, y yaã umbuésá ruka, asuí tẽdawara ta, panhẽ ta nheenga siíasawá retãma, tau putari tau kua mayé yaã yũbuésára ta, yaã yũbuésá fundamental tau usari ta nheenga tau kuntari waá muíri ara, yakausawá siíawá nheenga ta, mayé kua repertório upuderi uyumũdeu yaã tau munhã waá ũpinimasawa yaã Lingua Portuguesa yũbuésá resé. Kua sikaisá uriku abordagem qualitativa aé umũnhãsáwaá irũndi umbuésá ruka miraita yara taua yara, yaã miraita tasu maãmaã waá, tau purandú waá, asuí tau ũpinimawaá ta kuntaisá, tau munhã waá ta rangá y tau munhã sawa nheenga siíasawaá, yaã yũbuésara ta tau usari waá. Yaã referencial teórico uyũpitasuka yaã autor sociolinguística kitiwara tá y yũbuésa nheenga siíasáwaá, mayé Bagno (2011), Bortoni-Ricardo (2004), Tarallo (2005), Mollica (2016) y autores tau kua waá nheenga siiasáwaá resewara, tau defenderi waá yaã nheenga siíasá itá y nheenga umbuésá ruka rupiára waã. Kua resultado tau mukãmẽ yaã mira pisasú ta nheenga rupitá aé dinâmico yekuapa yaã gíria ta irũ, tau kuntari sá ta retãma kitiwara y yaã tau usari semântica pisasusawá. Yaã pira nheenga rupitá umukãmẽ waá iké, ti aikué dados suficiente tau mũdeu arã yepé nheenga arãma yepénhũ arã upitar; yãsé yaã nheenga siíasáwaá iku mayé ypukú waá tau sikari arãma, asuí contexto sociolinguístico upé iri, ti arã tau xari miraitá kuasawá. Asuí tau reconheceri yaã ta siíasá y tau munhã waá nheenga siíasáwaá umbuésá ruka upé purãga umũnhã tau umbuésára tasuparãma umũnhã tau kua piri e purã arã tau yumeẽ panhẽtá irũ, tau yumusika arã tau kuasawá umbuésáwa ruka kitiwara y yaã yũbuésára ta tau usari waá muíri ara. Yawé yãbá ya kua waá rupi yaã yũbuésá uyumũdeu ramẽ mira pisasu itá nheenga rupitá yaã nheenga siíasawaá irũ mayé recurso pedagógico yawé, aé essencial umukirĩbá arã yaã tau munhãsá docente y yã tau munhã arã yepé yũbuésá nheenga kitiwara panhẽ ta suparãma, asuí crítica, asuí panhẽ ta kitiwara suparãm.

NHEENGA-XAWI: Siíasá nheenga kitiwara, Mira pisasú ta nheenga rupitá, Gírias, Neologismo, nheenga siíasáwaá, Língua Portuguesa umbuésá.

ISSN 1983-9979
prolíngua

1 Introdução

A linguagem e as línguas são construções sociais e culturais que acompanham a história dos povos e se transformam de acordo com os contextos nos quais estão inseridas. No Brasil, país caracterizado pela diversidade étnica, cultural, regional e linguística, convivem múltiplas línguas e variedades linguísticas. Além disso, a língua portuguesa apresenta múltiplas formas de expressão, influenciadas pelas relações históricas, pelos diferentes grupos sociais e pelas práticas comunicativas cotidianas. Essa situação é particularmente significativa em contextos amazônicos, como o município de Itacoatiara/AM, localizado em uma área com uma história rica de interação entre o português e línguas indígenas, além de outras formas regionais de expressão (Freire, 2005). Compreender o universo linguístico dos jovens implica, portanto, reconhecer não apenas as variações do português, mas também as dinâmicas multilíngues presentes em contextos escolares e comunitários.

Nesse cenário, compreender e dominar a língua em sua variedade nacional não é tarefa simples, sobretudo para os professores de Língua Portuguesa, que lidam diariamente com modos plurais de falar e de se expressar (Bagno, 2011; Bortoni-Ricardo, 2004). A coexistência de várias línguas e variedades (multilinguismo) configura um cenário complexo para o ensino de Língua Portuguesa e exige práticas pedagógicas inclusivas que valorizem essas diversidades, considerando o papel das línguas na construção da identidade cultural e social dos estudantes.

A variação linguística, portanto, constitui uma preocupação constante no ensino da disciplina. Esse desafio se intensifica no contato com os jovens, cujo léxico é dinâmico, marcado pela criação de novos termos, expressões próprias de determinados grupos e influências da cultura digital. Para Rigonattos (2019), a variação linguística corresponde "à diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudanças de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe)". De modo semelhante, Tarallo (2005) e Mollica (2016) ressaltam que a língua é viva e se recria continuamente, sendo essencial que a escola reconheça tais transformações. Assim, compreender os usos linguísticos dos alunos significa não apenas valorizar suas formas de expressão, mas também favorecer processos de ensino-aprendizagem mais significativos.

Considerar a escola como espaço sociocultural implica reconhecer que a fala dos alunos reflete suas identidades, experiências e pertencimentos. Nesse sentido, estudar o léxico juvenil em contexto escolar é fundamental para que o docente compreenda o cotidiano dos estudantes, estabeleça vínculos pedagógicos mais efetivos e desenvolva práticas de ensino pautadas no respeito à diversidade (Soares, 2002; Travaglia, 2009).

Nessa perspectiva, torna-se essencial esclarecer três conceitos-chave para a análise da variação linguística: dialeto, léxico e vocabulário.

O dialeto pode ser entendido como a variedade de uma língua falada por um grupo social, em uma região ou em determinado contexto sociocultural. Segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 5), "um dialeto é simplesmente uma variedade de uma língua que se distingue por características gramaticais, fonológicas e lexicais". No Brasil, por exemplo, a diversidade regional faz com que diferentes dialetos convivam dentro da língua portuguesa, marcando formas próprias de expressão e identidade cultural.

Já o léxico corresponde ao conjunto de palavras que compõem uma língua em determinado momento histórico. Biderman (2001, p. 19) define o léxico como "o universo vocabular de uma língua, que se renova e se expande continuamente para atender às necessidades de comunicação da sociedade". Nesse sentido, o léxico é dinâmico, pois incorpora constantemente novas palavras, expressões e significados oriundos das práticas sociais, da tecnologia e das culturas juvenis.

Por sua vez, o vocabulário refere-se ao repertório efetivamente utilizado por um falante ou por um grupo de falantes em situações comunicativas. Pacheco (2017, p. 45) explica que "o vocabulário de um indivíduo é constituído a partir das escolhas que este realiza dentro do léxico da língua, de acordo com suas necessidades expressivas e experiências de vida". Assim, o vocabulário é sempre uma seleção particular do léxico mais amplo, refletindo a identidade e a inserção sociocultural do sujeito.

Diante dessas considerações, o presente artigo, fundamentado em livros e artigos da área, propõe uma reflexão sobre sociedade, cultura e variação linguística, destacando conceitos como dialeto, léxico e vocabulário. Ao mesmo tempo, na perspectiva da Sociolinguística e da Educação Multilíngue, propõe investigar como o léxico juvenil, marcado por gírias, neologismos e usos multilíngues, revela os modos diversos de interação e pertencimento no contexto escolar e comunitário de Itacoatiara.

Para isso, serão apresentados exemplos de palavras e expressões utilizadas por alunos de quatro escolas públicas do município de Itacoatiara, além de uma análise comparativa com a diversidade sociocultural de outras regiões brasileiras. O objetivo é evidenciar a relevância do estudo dos léxicos estudantis como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa, visando contribuir para uma educação linguística mais contextualizada e intercultural.

Este trabalho está organizado em Introdução, Metodologia, Referencial Teórico, Resultados e Análises, Considerações Finais e Referências.

2 Metodologia

O caminho percorrido para a realização da pesquisa foi desenvolvido sob os princípios do método dialético, mobilizando diferentes instrumentos de investigação: entrevistas abertas e semiestruturadas, análise bibliográfica (livros, artigos e outros), conversas informais, observação participante e levantamento do acervo bibliográfico que fundamentou o estudo.

Participaram da pesquisa estudantes de quatro escolas municipais de Itacoatiara. Trata-se de uma pesquisa participante, já que a pesquisadora atuou também como professora, conduzindo diretamente questionamentos junto aos alunos. O tema investigado é de interesse compartilhado por outros docentes, o que reforça a pertinência da escolha pela observação participante. O público-alvo foi definido como 149 alunos do Ensino Fundamental, distribuídos da seguinte forma: 6º ano (39 estudantes), 7º ano (40 estudantes), 8º ano (35 estudantes) e 9º ano (35 estudantes), vinculados às quatro instituições de ensino analisadas. A análise diz respeito às turmas que foram efetivamente pesquisadas e aos números documentados no estudo. Os docentes não foram considerados a unidade de análise dos resultados; a referência à atuação docente diz respeito ao contexto da observação participante, particularmente ao papel da pesquisadora como professora durante a coleta de dados.

A observação participante ocorreu por meio do contato direto com o fenômeno observado, permitindo a obtenção de informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. Nesse processo, o observador, inserido no ambiente, estabelece relação face a face com os sujeitos investigados (Minayo, 1998, p. 59).

O estudo integrou abordagens quantitativa e qualitativa. A dimensão quantitativa contribuiu para a mensuração da frequência de uso das expressões juvenis nas turmas pesquisadas, enquanto a qualitativa possibilitou analisar o contexto das situações observadas e avaliar criticamente os dados coletados. Como destacam Borges e Mourão (2012, p. 45), "[...] em educação não podemos somente nos deter em aspectos quantitativos".

Nessa mesma direção, Oliveira, M. M. (2007, p. 37) complementa:

> um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação [...] observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.

O foco do estudo esteve no ensino de Língua Portuguesa, enfatizando a linguagem em suas múltiplas realizações. O trabalho com diferentes tipos de textos, lidos ou produzidos pelos alunos, tornou-se prioritário, uma vez que os livros didáticos, frequentemente, não contemplam a realidade dos discentes, gerando dificuldades de assimilação (Brasil, 2003, p. 50). A metodologia adotada permitiu elaborar aulas lúdicas, estimular a produção textual e valorizar a variação linguística dos alunos, articulando os saberes locais às práticas pedagógicas.

Além disso, a metodologia qualitativa adotada contou com observação participante, entrevistas semiestruturadas e conversas informais, cujas questões buscaram compreender os repertórios linguísticos dos estudantes, contemplando não só o português e suas variações, mas também possíveis usos de outras línguas em seu cotidiano. Dessa forma, procurou-se ampliar a compreensão sobre as práticas linguísticas presentes no contexto escolar e comunitário, considerando tanto os aspectos da variação linguística quanto as dinâmicas do multilinguismo.

Para orientar as entrevistas e conversas informais, algumas perguntas norteadoras foram elaboradas, tais como:

- Quais palavras ou expressões você utiliza com frequência no dia a dia?
- Você percebe diferenças entre a forma de falar em casa, na escola ou com amigos?
- Há termos que você não entende quando os colegas falam?
- Como você se sente quando o professor corrige sua fala ou escrita?
- Que palavras ou gírias você considera mais importantes para se comunicar com seus amigos?
- Você já criou alguma palavra ou expressão própria para se comunicar?

Além dessas questões, perguntas norteadoras adicionais incluíram:

- Você fala outras línguas além do português? Quais?
- Em que situações ou contextos você usa essas línguas além do português?
- Você percebe diferenças entre a forma de falar nas línguas e dialetos que conhece em casa, na escola e na comunidade?
- Há expressões ou palavras em outras línguas que você usa com frequência na comunicação com seus amigos ou familiares?

Essas questões foram formuladas com o objetivo de compreender o léxico juvenil, suas variações e a forma como ele influencia tanto a aprendizagem quanto a produção textual. Ao mesmo tempo, essa abordagem permitiu mapear as práticas multilíngues dos alunos e analisar o impacto dessas dinâmicas na aprendizagem e produção linguística, valorizando a pluralidade sociocultural presente.

Para vincular diretamente as perguntas norteadoras aos resultados, a análise foi estruturada em três eixos: (1) léxico juvenil, frequência e classificação dos itens, englobando as questões relacionadas a palavras, gírias, compreensão e criação lexical; (2) adequação entre registros formais e informais, articulando as questões sobre variações na fala e correção escolar; e (3) multilinguismo, reunindo as quatro perguntas sobre o uso de outras línguas e contextos de ocorrência.

3 Referencial teórico

O estudo das dinâmicas de multilinguismo em contextos comunitários e escolares é fundamental para compreender a diversidade linguística dos alunos e sua relação com a escola e a comunidade. A linguagem e as línguas constituem-se como fenômenos sociais, históricos e culturais, permeados por mudanças, contatos e adaptações às condições de uso. Em sociedades plurais, como a brasileira, especialmente em contextos amazônicos, diferentes línguas, dialetos e variedades linguísticas coexistem e interagem continuamente, produzindo formas diversas de comunicação e construção identitária.

Nessa perspectiva, o estudo da variação linguística e do multilinguismo é fundamental para compreender a diversidade de fala dos alunos e sua relação com a escola e o contexto comunitário. Além das variações do português, muitos estudantes estão inseridos em ambientes multilíngues, onde línguas indígenas, dialetos regionais e o português coexistem, influenciando a comunicação escolar e cotidiana.

Nesse sentido, Callou (2014, p. 20) afirma que "[...] a variação das línguas resulta, principalmente, da flexibilidade inerente ao próprio código linguístico e da multiplicidade de usuários que dela se servem [...]". Assim, as formas de falar não são fixas ou estáticas, mas se modificam de acordo com fatores sociais, culturais, históricos e situacionais. Entretanto, além da variação interna de uma mesma língua, é necessário considerar a coexistência de diferentes línguas em um mesmo espaço social, fenômeno caracterizado como multilinguismo.

Autores como Grosjean (1989) e García (2009) apontam que o bilinguismo e o multilinguismo são práticas comunicativas legítimas e dinâmicas, nas quais o falante alterna ou mescla recursos linguísticos das línguas de seu repertório conforme o contexto e interlocutores. De forma complementar, esses autores destacam que os sujeitos utilizam diferentes recursos linguísticos de seu repertório para interagir em variados contextos sociais. Essa perspectiva amplia a visão de variação linguística, incluindo o uso de códigos mistos e a alternância de código *(code-switching)*, caracterizada pela passagem de uma língua para outra durante a comunicação, bem como a utilização de expressões híbridas resultantes do contato linguístico. Tais práticas não representam desvios ou inadequações, mas formas legítimas de interação social, cultural e identitária.

No contexto amazônico, reconhece-se a importância de valorizar não apenas o português padrão, mas também os dialetos locais e as línguas indígenas, potenciando uma educação intercultural bilíngue/multilíngue que respeite as diferentes formas de expressão e enriqueça o processo de ensino-aprendizagem (Brasil, 2007; Freire, 2005). Dessa forma, a escola torna-se um espaço privilegiado para o reconhecimento das múltiplas identidades linguísticas presentes nas comunidades e para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas.

Nessa perspectiva, o estudo da variação linguística não pode ser dissociado do processo de criação de novas palavras e expressões, entre as quais se destacam os neologismos e as gírias, elementos que revelam a vitalidade e a dinamicidade das línguas. Segundo Alves (1990, p. 11), o neologismo é "a unidade léxica criada ou emprestada, em determinada época, para atender a necessidades expressivas ou denominativas de uma comunidade". Essa criação pode ocorrer por derivação, composição, empréstimos linguísticos ou por processos semânticos, refletindo as mudanças culturais, sociais e tecnológicas de cada período histórico.

No que tange aos neologismos e gírias, estes não apenas refletem a criatividade e pertencimento dos estudantes ao grupo social, mas podem apresentar influências provenientes de outras línguas faladas na comunidade, configurando um léxico híbrido e multifacetado, cuja compreensão é vital para práticas inclusivas na escola.

As gírias, por sua vez, configuram-se como marcas de identidade social e grupal. De acordo com Preti (2000, p. 41), "[...] a gíria representa um vocabulário especial de determinados grupos sociais, com função de reforço de identidade e diferenciação em relação ao grupo maior". Em contextos multilíngues, essas expressões podem incorporar elementos oriundos de diferentes línguas, contribuindo para a constituição de repertórios linguísticos híbridos e multifacetados.

Apesar das diferenças, neologismos e gírias compartilham o mesmo princípio: são manifestações da criatividade linguística e refletem as transformações sociais. Oliveira (2007, p. 63) observa que "[...] as gírias, assim como os neologismos, traduzem movimentos culturais, registrando modos de pensar e viver de grupos em dado tempo histórico". Em comunidades multilíngues, esses processos são potencializados pelo contato entre diferentes línguas e culturas.

Essas discussões dialogam diretamente com os pressupostos da Sociolinguística, que compreende a língua como um fenômeno social, histórico e culturalmente situado. Nessa perspectiva, a diversidade linguística presente nos espaços escolares deve ser entendida como um elemento constitutivo da identidade dos sujeitos e não como um obstáculo ao processo educativo. Assim, a valorização das diferentes formas de expressão linguística contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas, especialmente em regiões marcadas pela pluralidade cultural e linguística, como a Amazônia.

Reconhecer essas formas no espaço escolar é fundamental, pois, como lembra Bagno (2007, p. 87), a língua é "um instrumento de interação social, heterogênea e multifacetada", e toda produção linguística, seja norma-padrão, neologismo, gíria ou expressão oriunda do contato entre línguas, deve ser vista como legítima.

Do mesmo modo, a linguagem é também uma construção social. Acanda (2006) observa que "[...] família, igreja, escolas, sindicatos, partidos, meios de comunicação de massa e até mesmo o senso comum compartilhado por todos [...] são elementos de um espaço denominado sociedade civil." Dessa maneira, a fala do educando é expressão de sua vivência nesse espaço, sendo atravessada por práticas sociais, valores, experiências culturais e linguísticas diversas. Em contextos amazônicos, essa realidade inclui o contato entre o português, línguas indígenas e outras variedades regionais.

Ademais, é preciso ressaltar que a linguagem está intimamente ligada à cultura. Cuche (2002, p. 39, apud Laraia, 2006, p. 25) lembra que a cultura é "[...] todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade." Portanto, as expressões linguísticas dos alunos não podem ser compreendidas de forma isolada, mas em relação às práticas culturais e linguísticas de que fazem parte.

Nesse mesmo horizonte, o conceito de dialeto é central para esse debate. Segundo Perez (2019, p. 5), dialeto é "[...] a variedade de uma língua própria de uma região ou território", evidenciando que as diferenças linguísticas decorrem do contato entre sujeitos, dos contextos de uso e dos saberes socioculturais partilhados. Em complemento, Pacheco (2017) distingue léxico e vocabulário, ressaltando que "[...] o indivíduo usa o conjunto de palavras do léxico para formar seu vocabulário [...]. Quanto maior for o vocabulário do usuário, maior a possibilidade de escolha da palavra mais adequada ao seu intento expressivo."

A Sociolinguística e os estudos sobre multilinguismo contribuem para romper com a visão normativa que reduz a língua a uma dicotomia entre "certo" e "errado". Labov (2008) já demonstrava que a variação é parte constitutiva do sistema linguístico, não um defeito ou um erro. Assim, os repertórios multilíngues dos falantes constituem recursos legítimos de comunicação e aprendizagem. Os termos criados pelos alunos em sua comunicação cotidiana,

bem como as expressões oriundas do contato entre diferentes línguas, são legítimos em seus contextos e cumprem funções comunicativas específicas.

A desvalorização dessas formas pela escola pode gerar sentimentos de inadequação e exclusão, enquanto seu reconhecimento fortalece a autoestima, a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos estudantes. Nesse sentido, a educação intercultural assume papel fundamental ao promover o diálogo entre diferentes línguas, culturas e formas de conhecimento.

Portanto, o estudo das dinâmicas de multilinguismo em contextos comunitários e escolares evidencia que a educação deve considerar a diversidade linguística e sociocultural como ponto de partida para a aprendizagem. Valorizar as diferentes línguas, variedades linguísticas, gírias, neologismos e formas híbridas de expressão não significa abdicar do ensino da norma-padrão, mas reconhecer que diferentes repertórios linguísticos coexistem e são necessários em distintos contextos de interação.

Em síntese, ao integrar os aportes da Sociolinguística, do Multilinguismo e da Educação Intercultural ao ensino de Língua Portuguesa, a escola pode superar práticas excludentes, construir uma pedagogia mais próxima da realidade dos alunos e favorecer uma aprendizagem significativa, crítica, inclusiva e transformadora, respeitando as múltiplas identidades linguísticas presentes nos contextos comunitários e escolares.

4 Resultados e Análises

4.1 Léxico juvenil, ocorrência e categorização

Para evitar generalizações, os dados são apresentados de acordo com o instrumento empregado: as entrevistas e conversas informais fundamentam as afirmações sobre escolhas lexicais e adequação entre registros; a observação participante documenta os contextos de uso; as produções textuais oferecem exemplos de incorporação das expressões à escrita; e a contagem das ocorrências fundamenta as frequências exibidas na tabela e no gráfico. Este eixo aborda principalmente as questões 1, 3, 5 e 6 do roteiro, que se referem às palavras e expressões mais utilizadas, à compreensão do vocabulário dos colegas, às gírias consideradas importantes e à criação ou ressignificação de formas lexicais.

A análise dos dados, obtidos por meio de observação participante, entrevistas e conversas informais, revelou a riqueza, diversidade e dinamismo do léxico juvenil dos alunos de quatro escolas públicas de Itacoatiara. O vocabulário empregado pelos estudantes é marcado pela presença de gírias, expressões e termos próprios de seus grupos sociais, refletindo fatores socioculturais, contextuais e grupais. Esse resultado corrobora a perspectiva de Callou (2014), para quem “a aparente unidade linguística que permite que os falantes se comuniquem é, por sua vez, composta de infinidade de possibilidades” (p. 20).

Além da utilização dinâmica de gírias e expressões regionais em português, o estudo abordou questões relacionadas a outros idiomas. No entanto, no conjunto lexical efetivamente documentado e analisado nesta pesquisa, não existem dados suficientes para associar palavras a uma língua indígena específica, nem para evidenciar, de maneira confiável, formas híbridas ou alternância de código. Por esse motivo, a classificação do corpus se concentra nas categorias que os dados apresentados podem apoiar.

Entre os exemplos coletados, destacam-se:

- “capa o gato” (ir embora),
- “fuleiro” (comportamento não confiável),
- “galeroso” (pessoas temidas),

ISSN 1983-9979
prolíngua

• “grelhar” (fazer muito sucesso),
• “leseira baré” (atitude estúpida),
• “maceta” (algo muito grande),
• “nem com nojo” (falta mínima de vontade para algo),
• “vazar” (ir embora rapidamente).

A tabela a seguir sistematiza a frequência observada dessas expressões no universo pesquisado:

Quadro 1 – Frequência observada, contexto de uso e classificação funcional dos itens lexicais

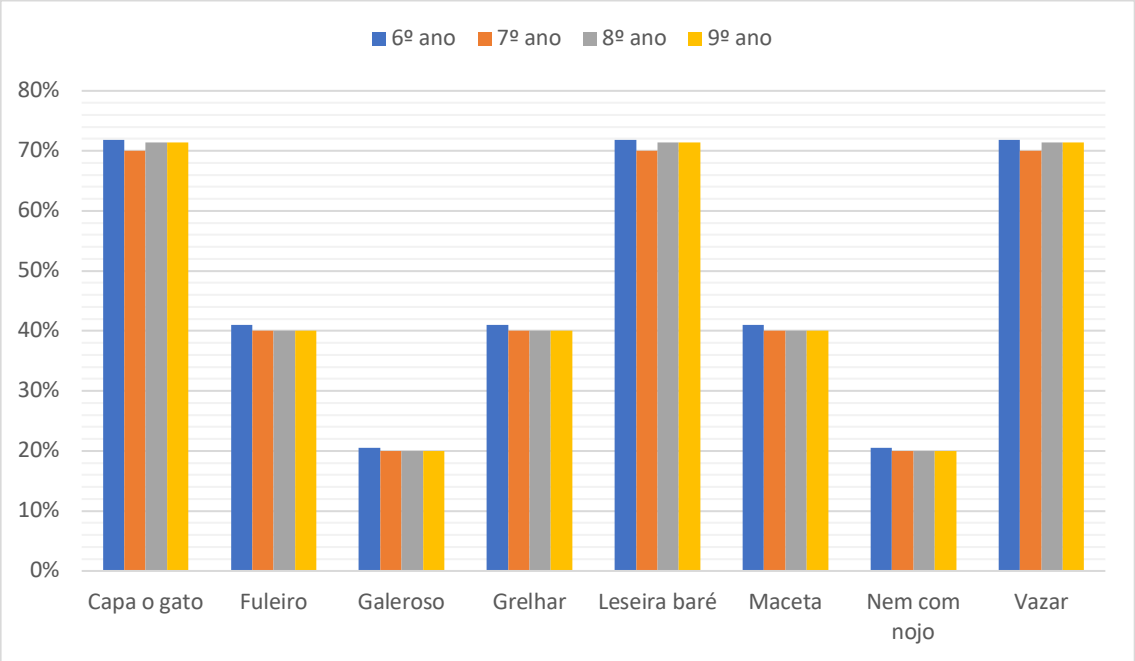
Termo	**Significado**	**Frequência observada**	**Contexto de uso**
Capa o gato	Ir embora	Alta	Convívio com amigos **Classificação: gíria/expressão juvenil.**
Fuleiro	Comportamento não confiável	Média	Conversas informais **Classificação: gíria/coloquialismo.**
Galeroso	Pessoas temidas	Baixa	Brincadeiras e histórias comunitárias **Classificação: gíria de circulação local/regional.**
Grelhar	Fazer muito sucesso	Média	Interações escolares e sociais **Classificação: gíria com uso semântico inovador no corpus (possível neologismo semântico).**
Leseira baré	Atitude estúpida	Alta	Situações cotidianas **Classificação: expressão regional amazônica.**
Maceta	Algo muito grande	Média	Descrições de objetos e eventos **Classificação: gíria com uso intensificador e ressignificação semântica.**
Nem com nojo	Falta mínima de vontade	Baixa	Expressão de esforço ou desinteresse **Classificação: expressão coloquial/regional.**
Vazar	Ir embora rapidamente	Alta	Conversas informais e ambiente escolar **Classificação: gíria de uso informal.**

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados da pesquisa.

Para mensurar esses dados, foi elaborada uma tabela em percentagens considerando as turmas investigadas e o total de alunos por ano/série: 6º ano (39 alunos), 7º ano (40 alunos), 8º ano (35 alunos) e 9º ano (35 alunos). As faixas de frequência foram interpretadas conforme: alta (~70% dos alunos da turma), média (~40%) e baixa (~20%). O gráfico a seguir apresenta a distribuição percentual do uso das principais gírias identificadas entre os estudantes, permitindo observar as diferenças e semelhanças no léxico juvenil entre as turmas.

ISSN 1983-9979
prolíngua

Gráfico 1 – Distribuição percentual do uso das principais gírias



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados da pesquisa.

Durante a análise das produções textuais, percebeu-se que os alunos recorrem com frequência às gírias como recurso expressivo para dar maior vivacidade às narrativas. O termo "capa o gato", por exemplo, apareceu em redações que descreviam momentos de convívio entre amigos, como em frases do tipo "Quando a professora chegou, todo mundo capa o gato", revelando humor e cumplicidade no uso da linguagem.

A expressão "vazar" também foi recorrente, utilizada em passagens como "Depois da festa, a gente teve que vazar porque já era tarde", reforçando a vitalidade da oralidade juvenil e sua incorporação em textos escritos. Já "fuleiro" foi empregado em contextos de julgamento de atitudes, como no trecho "Ele prometeu ajudar, mas foi fuleiro e não apareceu", evidenciando o papel avaliativo e crítico do vocabulário.

O termo "galeroso", embora menos frequente, surgiu em narrativas de conflitos e brincadeiras, como em "Todo mundo dizia que ele era galeroso, mas no fundo tinha medo dele", mostrando como a linguagem juvenil pode construir representações sociais. Por sua vez, "grelhar" apareceu em textos celebrando conquistas, por exemplo: "Nosso time grelhou no campeonato da escola", conectando a linguagem à valorização de vitórias coletivas.

A expressão "leseira baré", com forte marca regional, foi usada para caracterizar situações cotidianas, como em "Esquecer o caderno em casa foi uma leseira baré", revelando identidade cultural amazônica. O termo "maceta" apareceu em contextos descritivos, como "O bolo que a mãe levou era uma maceta de grande", destacando a criatividade na construção de imagens textuais. Já a expressão "nem com nojo" foi registrada em trechos como "Eu não faria aquilo nem com nojo", denotando esforço mínimo ou recusa enfática.

Por fim, a gíria "morreu de colar" foi utilizada para relatar êxitos, como em "O projeto morreu de colar e todo mundo gostou", revelando como a juventude associa a linguagem ao sentimento de satisfação e pertencimento.

A expressão "morreu de colar" foi documentada nas produções textuais como uma gíria juvenil com uso semântico inovador. No entanto, não foi incluída na tabela de frequência, pois o material apresentado não a quantificou de forma equivalente aos oito itens sistematizados.

4.2 Multilinguismo e delimitação dos dados

Este eixo está relacionado às quatro últimas perguntas do roteiro, que se concentram no conhecimento e uso de outras línguas, nos contextos de uso e na presença de palavras ou expressões não portuguesas na comunicação com amigos e familiares. Em relação a esse eixo, as informações fornecidas no corpus não documentam elementos suficientes para identificar *code-switching* nem para apontar de qual língua indígena uma expressão específica teria se originado. A expressão "leseira baré" foi preservada na categoria de expressão regional da Amazônia. Apesar de o elemento "baré" fazer referência ao nome de um povo indígena, esse dado isolado não permite que seja classificado como uma palavra da língua Baré. Desse modo, itens sem evidência linguística específica não são considerados de origem indígena. Esses exemplos demonstram que, ao integrar tais expressões no espaço escolar, o professor não apenas valoriza a diversidade linguística, mas também reconhece a potência criativa dos alunos, ampliando o sentido da produção textual e fortalecendo a identidade cultural e social que se manifesta pela língua.

4.3 Adequação entre registros formais e informais

Este eixo aborda especificamente as questões 2 e 4, que tratam das diferenças entre a fala em casa, na escola e com amigos, além da percepção dos alunos em relação às correções de fala e escrita feitas no ambiente escolar.

As entrevistas também evidenciaram que os alunos distinguem claramente a fala formal exigida pela escola da fala informal usada no convívio social. Muitos relataram, por exemplo, que em situações do cotidiano é comum dizer "capa o gato" para indicar que alguém foi embora rapidamente, mas que em uma redação ou apresentação escolar prefeririam usar a forma "ir embora". Essa consciência linguística mostra a capacidade de alternar entre registros.

De forma semelhante, a gíria "vazar" foi mencionada como expressão natural no recreio ou nas conversas com amigos - "Quando acaba a aula a gente logo fala: bora vazar" - mas reconhecida pelos alunos como pouco adequada em situações formais, quando preferem "sair" ou "se retirar".

A expressão "fuleiro", usada para criticar atitudes de pouca confiança, apareceu nas falas com comentários do tipo: "Quando alguém é fuleiro, a gente sabe que não dá pra contar com ele, mas na escola a gente fala que ele não cumpriu a responsabilidade". Esse contraste reforça a consciência sobre a adequação da linguagem.

No caso de "galeroso", alguns alunos destacaram que essa palavra é usada apenas entre pares, geralmente em tom de brincadeira ou de alerta - "Se falar isso na frente do professor, ele nem entende" - demonstrando a percepção de fronteiras entre os espaços de uso da língua.

Quanto à gíria "grelhar", um aluno comentou: "Quando o time ganha, a gente diz que grelhou, mas na sala a gente fala que venceu". Isso mostra que, mesmo mantendo a identidade cultural, eles reconhecem a necessidade de alternar para formas mais neutras em textos acadêmicos.

A expressão "leseira baré", considerada muito própria da região, foi vista como um marcador de identidade local. Um estudante relatou: "É coisa da gente falar leseira baré, mas na redação eu coloco 'foi um erro'". A mesma lógica se aplicou a "maceta", quando outro afirmou: "A gente fala maceta quando é algo muito grande, mas na prova é melhor falar enorme".

Por fim, a gíria "nem com nojo" foi apontada como expressão muito enfática, mas não adequada em situações formais: "Eu digo nem com nojo quando não quero nada, mas no trabalho eu escrevo que não tive vontade".

Essas falas mostram que os alunos possuem uma clara noção das fronteiras entre a linguagem formal e informal e, ao mesmo tempo, reconhecem que o respeito às suas variações linguísticas contribui para fortalecer a autoestima e aumentar a participação nas atividades escolares. Ao sentir que sua fala é legitimada, o estudante se percebe como sujeito de conhecimento e identidade, capaz de transitar com autonomia entre diferentes contextos comunicativos.

Além disso, os alunos demonstraram consciência dessa diversidade e das regras sociais que regulam os usos formais e informais da língua, alternando registros linguísticos para se adaptar aos diferentes contextos comunicativos. Em relação ao repertório multilíngue, as respostas fornecidas no corpus analisado não foram adequadas para identificar usos frequentes de outras línguas ou alternância de código. Tal percepção evidencia que os estudantes compreendem as diferenças entre a linguagem formal e informal e a relevância da diversidade linguística em seu cotidiano. Tais achados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem não apenas as variações do português, mas o multilinguismo, promovendo o fortalecimento da autoestima e a inclusão na escola.

Em resumo, o estudo mostra que é essencial entender e valorizar o léxico juvenil, que abrange gírias, usos semânticos inovadores e marcas regionais, além de considerar o multilinguismo como uma dimensão a ser explorada para desenvolver práticas pedagógicas contextualizadas e relevantes.

Ao reconhecer as variações linguísticas presentes no cotidiano dos estudantes e articulá-las às exigências da norma padrão, o professor favorece não apenas a aprendizagem formal, mas também o fortalecimento da identidade cultural, da autoestima e da participação discente. Essa postura dialógica, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e com a realidade sociocultural da Amazônia, amplia as possibilidades de ensino, tornando-o mais inclusivo, crítico e eficaz, ao mesmo tempo em que valoriza a pluralidade da língua como instrumento de interação e transformação social.

5 Considerações finais

A língua é um fenômeno social, cultural, histórico, multilíngue e em constante transformação, influenciado por contextos comunitários diversos. No cenário amazônico, a interação entre o português e as línguas indígenas representa um elemento de grande importância histórica (Freire, 2005). No entanto, no conjunto específico deste estudo, não foram encontrados elementos suficientes para serem atribuídos a uma língua indígena específica.

Assim, a variação linguística se apresenta como um elemento constitutivo da identidade dos falantes, refletindo suas vivências, valores e pertencimentos.

O estudo do léxico juvenil demonstrou que as palavras e expressões criadas e utilizadas pelos estudantes revelam não apenas criatividade, mas também vínculos identitários e socioculturais. O repertório diversificado que demonstra a flexibilidade do idioma português é composto por termos regionais, gírias e usos semânticos inovadores. Em relação às línguas indígenas, o corpus apresentado não possibilitou a identificação de itens lexicais específicos, o que representa uma limitação desta fase do estudo e uma oportunidade para investigações mais aprofundadas em pesquisas futuras.

Conceitos como dialeto, léxico e vocabulário, quando compreendidos a partir da perspectiva da Sociolinguística, deixam de ser vistos como “desvios” e passam a ser entendidos como recursos legítimos de comunicação, que se articulam com a história, a cultura e o espaço social de cada comunidade.

No contexto educacional brasileiro, marcado pela diversidade linguística e cultural, este estudo apresenta-se como base científica e teórica consistente para a criação e aprimoramento de políticas públicas voltadas ao ensino de Língua Portuguesa. Ao sistematizar a relação entre variação linguística, léxico juvenil e práticas pedagógicas, propõe-se que esses resultados e discussões sejam incorporados formalmente em propostas de intervenção pedagógica. Para tanto, é imprescindível que tais propostas sejam submetidas à aprovação, institucionalização e monitoramento pelos órgãos educacionais competentes, garantindo sua efetividade e longevidade no ambiente escolar.

Para o ensino da Língua Portuguesa, este reconhecimento implica romper com concepções tradicionais que privilegiam exclusivamente a norma-padrão. A escola, enquanto espaço sociocultural, precisa valorizar os modos de falar dos alunos, não com o intuito de substituir a norma culta, mas de ampliar as possibilidades de uso da língua, desenvolvendo nos educandos a competência comunicativa para transitar entre diferentes registros linguísticos de acordo com o contexto de interação. Tal postura pedagógica, defendida por autores como Bagno (2011), Bortoni-Ricardo (2004) e Travaglia (2009), contribui para uma educação linguística mais inclusiva, crítica e significativa.

Ressalta-se, ainda, a importância da participação ativa e articulada de pesquisadores, professores, gestores educacionais e formuladores de políticas públicas, cujas contribuições e engajamento são fundamentais para que a valorização da diversidade linguístico-cultural de fato se traduza em práticas pedagógicas inclusivas, críticas e significativas. Ao reconhecer a diversidade linguística e cultural como ponto de partida para a aprendizagem, o ensino deixa de ser um espaço de exclusão para tornar-se ambiente de fortalecimento das identidades culturais e sociais, além da construção coletiva do conhecimento.

Conclusivamente, o estudo da variação linguística, do léxico juvenil e do multilinguismo deve ser incorporado como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa. Essa integração possibilita que o professor dialogue com a realidade dos estudantes, estreite vínculos pedagógicos e desenvolva práticas que respeitem e promovam a diversidade, contribuindo não apenas para o aprendizado formal da língua, mas também para a valorização das identidades culturais e sociais que constituem o sujeito aprendiz. Reconhecer e valorizar a riqueza da língua falada pelos alunos é, portanto, um caminho para construir uma educação linguística mais democrática, que forma sujeitos conscientes, críticos e capazes de compreender e intervir em sua realidade por meio da linguagem.

Referências

ACANDA, Jorge Luis. Sociedade civil e hegemonia. In: BORON, Atilio A. (Org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas.** Buenos Aires: CLACSO, 2006.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical.** São Paulo: Ática, 1990.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **O léxico na linguística contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2001.

BORGES, Heloisa da Silva; MOURÃO, Arminda Raquel Botelho (Orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação: estudo para auxiliar na formação de professores (as) educadores (as) do campo.** Manaus: UEA Edições, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Língua e sociedade: sociolinguística e ensino de língua materna.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília: MEC/SECAD, 2007.

CALLOU, Dinah. **Variação e mudança no português falado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CUCHE, Denys. **O conceito de cultura nas ciências sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia.** 239 f. 2005. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

GARCÍA, Ofelia. **Bilingual education in the 21st century: a global perspective. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009.**

GROSJEAN, François. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. **Brain and Language**, v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989. DOI: 10.1016/0093-934X(89)90048-5.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOLLICA, Valéria. **Variação linguística e ensino de língua materna: perspectivas contemporâneas.** Campinas: Pontes, 2016.

OLIVEIRA, M. R. **Gírias e neologismos: reflexos culturais e sociais na língua.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração.** São Paulo: Atlas, 2007.

PACHECO, José. **Léxico e vocabulário: distinções necessárias.** Revista de Estudos Linguísticos, v. 25, n. 2, p. 45-58, 2017.

PEREZ, Cláudia. **Dialetos e variação linguística: conceitos e práticas pedagógicas.** São Paulo: Contexto, 2019.

PRETI, D. **A linguagem dos jovens.** São Paulo: Contexto, 2000.

RIGONATTOS, Marcos. **Variação linguística: teoria e prática.** Porto Alegre: Artmed, 2019.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 2002.

TARALLO, Maria Bernadete. **Sociolinguística: variação linguística e ensino da língua materna.** São Paulo: Contexto, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Antônio. **Gramática, escola e ensino da língua materna.** São Paulo: Contexto, 2009.